

PROJETO DE DOUTORADO

Candidata: Ana Carolina Siani Lopes

Orientadora: Profa. Dra. Luciane de Paula

Raça, gênero e classe na obra *Harry Potter*: uma análise dialógica do discurso

Race, gender and class in *Harry Potter*: a dialogical analysis of the discourse

RESUMO: O presente projeto propõe uma análise dialógica do discurso na obra literária *Harry Potter*, com foco nas relações de raça, gênero e classe. Busca responder a seguinte questão de pesquisa: o discurso de *Harry Potter* materializa os valores e embates sociais nas clivagens de raça, gênero e classe presentes na sociedade contemporânea? A hipótese é a de que, no âmbito do enredo da obra, tais relações constituam hierarquias na estrutura social do mundo bruxo, refletindo e refratando as questões sociais da realidade que lhe dão sentido. O projeto se ancora nos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos realizados no interior do Círculo de Bakhtin, que concebe a obra literária como enunciado concreto em seu caráter ativo-responsivo. O cotejamento é o caminho metodológico para compreender a constituição dos sujeitos e/ou grupos sociais dentro da narrativa, bem como para a compreensão da constituição dos fios ideológicos e da construção interdiscursiva da obra.

Palavras-chave: Estudos bakhtinianos; Harry Potter; Gênero; Raça; Classe.

ABSTRACT: The present project proposes a dialogical analysis of the discourse in the literary work *Harry Potter*, focusing on the relations of race, gender and class. It seeks to answer the following research question: does the *Harry Potter* discourse embody the values and social struggles in the cleavages of race, gender, and class present in contemporary society? The hypothesis is that, within the framework in *Harry Potter*, such relations constitute hierarchies in the social structure of the wizarding world, reflecting and refracting the social issues of reality that give it meaning. The project is anchored in the theoretical-methodological assumptions of the studies carried inside of Bakhtin's Circle, which conceives the literary work as a concrete statement in its active-responsive character. The comparison is the methodological way to understand the constitution of the subjects and/or social groups within the narrative, as well as for the understanding of the constitution of the ideological threads and the interdiscursive construction of the literary work.

KEYWORDS: Bakhtin studies; Harry Potter; Gender; Race; Class.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Ao considerarmos a relação vida e arte, podemos dizer que a vida confere sentidos à arte, bem como a arte faz parte da vida, sendo constituída por um dado horizonte ideológico de uma época e, como produção ideológica, reflete em seu interior o meio ideológico e a consciência social que a circunda, bem como refrata essa realidade enquanto elemento eticamente avaliado e valorado (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009; MEDVIÉDEV, 2012). O objeto estético reflete e refrata a vida porque ancorado no solo social como todo e qualquer enunciado, se assumimos a perspectiva bakhtiniana de linguagem, como é o nosso caso.

O presente projeto propõe analisar o discurso da obra literária *Harry Potter*, com foco nas relações de raça, gênero e classe materializadas na narrativa, considerando que tais relações constituem as hierarquias entre os grupos sociais do mundo bruxo.

A série literária *Harry Potter* é composta por sete volumes, publicados no período de 1998 a 2007, escritos pela autora britânica J.K. Rowling. A obra de fantasia, originalmente voltada para o público infanto-juvenil, conta as aventuras do jovem bruxo Harry Potter, juntamente com seus amigos Hermione Granger e Rony Weasley. Essas três personagens protagonistas são estudantes da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. O enredo segue a busca de Harry e seus amigos contra a retomada de poder do bruxo das trevas Lord Voldemort. A partir desse eixo narrativo, com acontecimentos que se passam no período de 1991 a 1998, seguindo o crescimento da personagem Harry Potter em seus anos letivos em Hogwarts, principal cenário para os desdobramentos da trama, a obra ficou conhecida por abordar temas como política, corrupção, morte, preconceito, amizade, entre outros, dentre os quais focaremos, nesta pesquisa, os preconceitos e hierarquias de gênero, raça e classe.

Em *Harry Potter*, o mundo mágico é mantido em segredo dos trouxas¹. Uma realidade paralela em relação à sociedade não-bruxa, com suas versões das instituições daquele mundo, como o Ministério da Magia², hospitais, escolas, bancos, lojas, bares, meios de transporte, bem como uma imensa quantidade de artefatos mágicos (até como uma contraposição com dadas tecnologias do mundo trouxa, como o telefone, o computador, videogame etc).

O jovem Harry, que vive com os tios em Londres, descobre em seu aniversário de 11 anos que é um bruxo, ao receber uma carta para estudar em Hogwarts³. Harry passa a ter contato com o mundo bruxo e descobre que seus pais foram mortos, quando ele ainda era um

¹ A palavra “trouxa”, na edição em português do Brasil e no original, em inglês, “muggles”, é como são denominadas as pessoas que não possuem poderes mágicos, os sujeitos não-bruxos na obra *Harry Potter*.

² O Ministério da Magia media as relações entre o mundo trouxa e o mundo mágico, por meio de uma legislação própria, a fim de manter essa comunidade em segredo, bem como regulamenta a educação dos jovens bruxos.

³ No universo da obra, os bruxos começam a dar sinais de sua condição mágica ainda crianças e quando atingem 11 anos são selecionados pelas escolas bruxas para estudar magia.

bebê, por Lord Voldemort. Ser um sobrevivente desse embate o faz famoso no mundo bruxo, ao mesmo tempo em que conhece o universo da magia e suas hierarquias e grupos sociais. Ao conviver com outros bruxos como ele, bem como com outros grupos sociais do mundo mágico, sobretudo quando passa a frequentar a escola de Hogwarts, Harry também passa a ter contato com as regras sociais que constituem a estrutura dessa sociedade.

Na obra, podemos compreender como um dos principais elementos do eixo narrativo principal, a oposição entre bruxos e trouxas, e entre bruxos e outros grupos mágicos, constituída por um discurso sobre a inferioridade da sociedade não-bruxa e superioridade dos bruxos puro sangue, tese defendida por alguns grupos da história.

Em *Harry Potter*, a habilidade mágica, embora esteja relacionada com a apreensão de práticas mágicas milenares, a partir de um sistema educacional, do qual fazem parte escolas de magia como Hogwarts, ela é inata, pois existe o sangue bruxo ou gene mágico.

Os bruxos são identificados socialmente com determinadas denominações e identidades, como: os “nascidos-trouxas”, aqueles cujo os dois pais não são bruxos; os bruxos mestiços, aqueles cujo um dos pais é bruxo; e os bruxos sangue-puros cujo os dois pais são bruxos e que geralmente descendem de uma grande linhagem de bruxos sangue-puros. Existem ainda os indivíduos encarados socialmente como “abortos”⁴ que, de acordo com a obra, seriam aquelas pessoas que nascem em famílias inteiramente mágicas, mas que não possuem magia, ficando presas no entremeio do mundo trouxa e o mundo mágico.

As identidades, constituídas intersubjetivamente, acompanham as personagens em suas trajetórias, sendo o grupo dos nascidos-trouxas o maior alvo de preconceito. Isso ocorre porque os conservadores acreditam que esses bruxos não são “dignos” de estudar magia e de fazer parte da comunidade mágica, como defendido por algumas famílias de sangue-puro.

O bruxo das trevas e antagonista de Harry, Lord Voldemort, é a personagem mais representativa desse pensamento. Embora Voldemort seja um bruxo mestiço, o mesmo, motivado por sua busca pela imortabilidade e poder, constrói um discurso de recalçamento de suas raízes trouxas, e com seus apoiadores, os Comensais da Morte, tem como um de seus objetivos subjugar principalmente trouxas e nascidos-trouxas. Para isso, faz uso de torturas, assassinatos e sequestros para instaurar medo, controlar mentes e o mundo mágico.

Existem ainda outros grupos sociais que enfrentam o preconceito e conseqüente marginalização no mundo mágico, não ocupando posições de poder: os elfos domésticos, que vivem em regime de escravidão, sendo obrigados a servir a uma família bruxa⁵, lobisomens,

⁴ No original, em inglês, “squib”.

⁵ Em sua maioria, famílias “sangue-puros” que, mais conservadores, possuem elfos domésticos na história.

gigantes, duendes, centauros, entre outros. Por se tratar de uma história fantástica, o atributo de “humanidade” funciona de modo específico, existindo também os “animais” e “criaturas” domesticados e controlados pelos outros grupos, como dragões, trasgos, fênix, hipogrifos, etc.

Essa configuração hierárquica denota distinções valorativas de prestígio, inclusão ou exclusão, com funções sociais específicas aos seres, de destaque ou marginalização, perseguição ou escravidão etc. Também há a questão econômica flagrante como item importante de constituição da sociedade – famílias aristocráticas, com linhagem de poder, genética e historicamente destacada. A configuração corpórea, a social, a econômica e a política, de maneira intrincada, revelam a hierarquia, que se destaca, instaura e dissemina preconceitos. Para ratificar a questão sócio político econômica, precisamos entender, como explica Saffioti (1987), que o nó classe-gênero-raça sustenta as questões hierárquicas de dominação no patriarcado. Com vistas nisso é que propomos esta pesquisa, em que o herói é homem, mas, muitas vezes, quem desvenda os enigmas e o leva até o centro do embate, é Hermione, uma mulher, filha de trouxas, portanto, de raça não pura, descrita nas obras como negra e sem linhagem econômica destacada, junto de Ron Weasley, um ruivo pobre.

Mencionada a configuração hierárquica que desnivela e agrupa os sujeitos por suas condições econômicas e sociais, pensamos na relação desse agrupamento (inclusive colocado entre “bem” e “mau” na obra) com o movimento de racialização entre grupos sociais em *Harry Potter*, que parte de uma “essencialização” dos grupos subalternos pelos grupos dominantes, no caso, os bruxos sangue-puros. O que podemos compreender como relações raciais na obra produz imagens estereotipadas e atribui certa moral e ética para esses grupos, calcado, sobretudo, em um discurso científico ancorado na genética (relação de raça não-linear). Afinal, há uma hierarquização que parte, também (além do econômico), de uma racialização: de trouxas para bruxos, bruxos para trouxas, bruxos mestiços e bruxos nascidos-trouxas, bem como para elfos domésticos, lobisomens, gigantes, entre outros.

Para completar o nó sobre o qual se sustentam as questões de dominação, de acordo com Saffioti (1987), e ao pensarmos em outras clivagens sociais na relação entre os grupos do mundo mágico, devemos considerar a noção de gênero, tendo em vista as personagens mulheres e sua constituição como sujeitos no enredo escrito por J.K. Rowling. Ao tomarmos a personagem Hermione Granger, parte do trio protagonista, como um exemplo expressivo do papel e da identidade das mulheres na obra, podemos dizer que a mesma se destaca como uma das estudantes mais inteligentes de Hogwarts, sobressaindo-se no estudo e conhecimento da magia, bem como na execução de feitiços, considerada, por vezes, uma “irritante sabe-tudo”, como expressado pelo professor Snape e, ao mesmo tempo, “uma das mais inteligentes para

as bruxas da sua idade”, como apontado (com tom de elogio que revela discriminação) por muitos bruxos (como Sirius Black, entre outros). Como uma “nascida-trouxa”, Hermione também sofre com o preconceito, sendo alvo de denominações como “sangue-ruim” ou ainda “sujeitinha de sangue-ruim”⁶, como afirma o colega de turma Draco Malfoy. Hermione se destaca por seu engajamento com as causas em defesa da liberdade e da justiça (faz campanha contra a escravidão e a exploração dos elfos domésticos, entre outras ações), tenta compreender os dilemas dos outros e aconselha Harry e Rony, muitas vezes, portando-se como uma figura materna para eles, pois cuida deles (acorda, manda tomar banho, cortar o cabelo, dá conselhos amorosos, especialmente ao Harry), ainda que também se porte como uma mulher típica (vaidosa, por exemplo), até, em certos momentos submissa a Ronny, com quem se relaciona amorosamente no decorrer do desenvolvimento da trama.

Hermione, ao se mostrar inteligente e estudiosa, seguir à risca as regras da escola, por vezes é considerada “arrogante” e “mandona” pelos colegas, por se destacar (mulher, no patriarcado, não pode se destacar). O patriarcado e o machismo produzem determinados regimes de representação feminina em produções culturais que precisam ser observados na obra para ver como o nó classe-gênero-raça se constitui. Afinal, muitas vezes a representação de mulheres ocorre de maneira pejorativa e baseada em estereótipos de gênero que reforçam uma mística feminina. Hermione assume posições de liderança nos conflitos enfrentados pelos colegas, mas ela é secundária, discriminada e respeitada ao mesmo tempo. Contudo, para ser aceita pelos demais, ela se desdobra, precisa fazer mais que os amigos com quem se relaciona, por ser mulher. Muitas vezes, ela é a chave da solução dos conflitos, o pilar de sustentação de Harry, mas sofre preconceitos (de raça e gênero).

A diferença socioeconômica, como já mencionado, é uma clivagem que constitui as relações. O mundo bruxo possui uma moeda própria (o galeão), bem como um sistema financeiro autônomo. A família de Rony Weasley se caracteriza como um núcleo que não possui uma condição financeira de destaque. Embora seja um núcleo familiar de linhagem de bruxos sangue puros, a condição socioeconômica da família Weasley faz com que sejam confrontados pelo preconceito social e de classe dentro da sociedade bruxa, sobretudo por parte, por exemplo, de Lúcio Malfoy, membro de uma família mais rica e de outra linhagem de puro-sangue, que condena a amizade dos Weasley com os nascidos-trouxas e trouxas, bem como despreza a sua condição financeira. O embate entre as famílias e demais grupos

⁶ A partir da expressão “sangue-ruim”, usada para denominar pejorativamente os bruxos nascidos-trouxas, podemos compreender o valor social que os grupos conservadores e preconceituosos de *Harry Potter* dão a pureza de sangue, entendida como pureza da raça.

aparece, muitas vezes, calcado no nó estudado por Saffioti (1987). A condição econômica, de raça e gênero sustenta até a “escolha” entre Harry e Voldemort, pois agrupa os sujeitos que, por seus atos, são caracterizados como covardes servos em busca de poder (também hierárquico) e subjagam os demais sem se darem conta do quanto se colocam em condições de subserviência à vilania, em prol do poder ditatorial de um único sujeito; ou enfrentam tudo e todos, resistentes às normas e leis opressoras, colocado o grupo que constitui a “Ordem da Fênix” e a “Armada de Dumbledore” como heroico. Interessante observar o quanto o “mau” é caracterizado como conservador, purista, elitista e machista enquanto que o “bem” tenta ser mais democrático, composto por bruxos não puros em nenhum sentido (órfãos, negros, mestiços e contam com ajudas de criaturas, escravos etc). Esse grande agrupamento revela a valoração da obra, o posicionamento do autor-criador, inclusive.

Tendo em vista essas relações entre esses grupos sociais na obra, o presente projeto propõe um estudo acerca das relações dialógicas calcadas nesse nó classe-raça-gênero em *Harry Potter*, a fim de refletir acerca da relação arte e vida – como a arte reflete e refrata valores sociais, com acabamento estético. De certa forma, como *Harry Potter* revela configurações vividas e embates tão em voga hoje em dia (uma volta ao conservadorismo, a intolerância com as diferenças, o moralismo flagrante etc) e essa preocupação justifica a pesquisa porque ancora o projeto no social, sua preocupação maior. Afinal, entender a configuração social tramada no enredo romanesco, de certa forma, como postulou Bakhtin em seus estudos sobre a arte, de certa forma, ajuda a pensar as configurações sociais vividas (os preconceitos e hierarquias que estruturam muitas sociedades, ainda hoje).

Para pensar sobre isso, ancoramo-nos nas seguintes questões de pesquisa: como o discurso de *Harry Potter* reflete e refrata valores e embates sociais nas clivagens de raça, gênero e classe presentes na sociedade contemporânea? Como se dá a produção de sentido na obra, tendo em vista as relações de raça, gênero e classe entre os grupos sociais? Nossa hipótese é a de que a obra, na instância da arte, reflete e refrata os embates sociais da vida que a circunda como denúncia e também estímulo à resistência.

Ao levarmos em conta o contexto de emergência e circulação da obra, ressaltamos o sucesso mundial de *Harry Potter*, consagrado como uma franquia imensa na indústria cultural, sobretudo, a partir de sua adaptação para o cinema em oito filmes, produzidos no período de 2001 a 2011, o que catapultou a produção de jogos, roupas, alimentos, brinquedos, e a transformação de seus personagens em signos da cultura pop⁷.

⁷ Com a difusão de *Harry Potter*, J.K. Rowling é considerada uma das autoras mais traduzidas da história (tradução de suas obras para 71 idiomas).

Ródenas (2009) ressalta que o enredo da obra toca de maneira indireta em temas como dominação política e controle da educação, segregação e limpeza étnica, ditadura e estado de exceção, elementos que constituem importantes conflitos no mundo contemporâneo. A narrativa também é constituída por temas sociais como o racismo, machismo e o preconceito de classe, tendo em vista que tais clivagens determinam as posições sociais dos sujeitos na vida, (re)produzem desigualdades e violências, assim como indiciam a constituição de identidades, de percepção da diferença e da diversidade.

Com esse estudo, acreditamos contribuir com os estudos linguísticos no âmbito do pensamento do Círculo de Bakhtin, em especial com as investigações sobre as relações entre infraestrutura e superestrutura (VOLOCHÍNOV [BAKHTIN], 2009), ao abordarmos as relações entre vida e arte, assim como refletir sobre o funcionamento discursivo do preconceito a partir das clivagens gênero, raça e classe (estudado num objeto estético).

Embasados nos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos realizados no interior do Círculo de Bakhtin, que consideram a natureza dialógica da linguagem, podemos tomar o enunciado como um produto da interação entre sujeitos socialmente organizados. Para Volochínov [Bakhtin] (2009) e Bakhtin (2011), essa interação materializada no/pelo enunciado é a realidade fundamental da língua, unidade da comunicação discursiva, sendo o diálogo face a face apenas uma das formas de sua realização. Nesse ponto, é possível alargarmos a noção de diálogo, concebida como motor para todos os tipos de comunicação.

Volochínov (2013) chama atenção para o fato de que o enunciado estabelece uma relação com a situação extra-verbal que o engendra, instância na qual se emprenha de valor, necessitando da vida para fazer sentido: “Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 77). Em outras palavras, a valoração estará relacionada com os sentidos do enunciado e este, com o acontecimento da vida e com as condições em que ocorre o intercâmbio social.

O enunciado tem caráter de evento social, sendo a situação extra-verbal mais ampla parte constitutiva do seu sentido, instância dos não-ditos e do peso axiológico da enunciação. Essa orientação social do enunciado é a força viva organizadora da sua estrutura, uma vez que sua forma e conteúdo são determinados pelas condições de sua produção.

O enunciado também é determinado pelo meio social mais amplo, o horizonte social de uma dada época (VOLOCHÍNOV [BAKHTIN], 2009; VOLOCHÍNOV, 2013). Assim, cada época da sociedade institui seus objetos naturais e acontecimentos sociais que se tornam

signos ideológicos, pois, uma vez temas de nossas palavras, recebem uma forma semântica e adentram os sistemas sócio ideológicos, ou seja, adquirem um peso axiológico.

Esse horizonte social determina a criação ideológica e é o horizonte da literatura, dos tratados científicos, do direito, da moral etc. (VOLOCHÍNOV [BAKHTIN], 2009); pois todo signo ideológico é um produto, resultado da história humana que reflete e refrata interesses e embates entre grupos sociais, bem como os acontecimentos da vida associados a ele.

O caráter dialógico da enunciação pode ser explicado pela a pluralência do signo. Bakhtin (2011) ressalta o fato de que o enunciado comporta em si:

[...] ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2011, p. 297, grifos do autor).

Todo enunciado se relaciona com outros enunciados e se relaciona com vozes outras e outros projetos de dizer, produzidos por outros sujeitos a partir de suas diferentes posições ideológicas e lugares sociais. Cada enunciado apresenta diferentes graus de heterogeneidade no complexo e ativo processo da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011). Cada falante é, antes de tudo, um respondente participante do diálogo social e o enunciado é pleno dessas vozes, pois é um elo na cadeia da comunicação, na medida em que reverbera respostas.

Ao considerar o objeto de nosso projeto e a relação entre enunciado e vida na obra literária, podemos dizer que o livro também é um elemento da complexa cadeia da comunicação discursiva. O discurso escrito da obra impressa é igualmente integrante de um debate ideológico maior, uma vez que, como Volochínov fala ao tratar da noção de enunciado: “[...] ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio” (2009, p. 128). Volochínov [Bakhtin] (2009) destaca o caráter ativo responsivo da obra literária, que trava relação com enunciados anteriores, do próprio autor ou de outros sujeitos, bem como é constituída internamente a partir das possibilidades da produção literária em vigor e suscita respostas futuras.

A relação entre a vida e a obra literária se realiza de maneira indireta, uma vez que a literatura ocupa um lugar específico na esfera de criação ideológica, pois possui organização e estrutura próprias. Reflete e refrata à sua maneira a vida e a existência socioeconômica (VOLOCHÍNOV [BAKHTIN], 2009). Com base em Medviédev (2012) e Volochínov [Bakhtin] (2009), podemos dizer que a literatura reflete e refrata as refrações e reflexões do

horizonte ideológico do qual faz parte, a fermentação da psicologia social, por vezes antecipando a criação ideológica dos fenômenos que ainda não adentraram a esfera da ideologia oficial. Assim, cria novos signos na comunicação social e incorpora a vida nos termos da unidade literária, a partir de sua linguagem própria e significação social: “Nesse sentido, podemos dizer: *de fato, a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja*” (BAKHTIN, 2014, p. 33, grifos do autor).

De acordo com Bakhtin (2011) e Volochínov [Bakhtin] (2009), o discurso existe na interrelação concreta. O enunciado é carregado de um sentido vivencial. Por isso, entendemos o conceito de ideologia nos estudos bakhtinianos relacionado à práxis do sujeito, a uma tomada de posição e a um ponto de vista valorativo (PONZIO, 2016).

A ideologia, conjunto de valores que se materializa na linguagem, realiza-se na interação verbal. A criação ideológica é social e histórica, apreende a realidade a partir de um ponto de vista específico e é tecida por uma multidão fios ideológicos, ancorada em um sistema de valor de uma dada comunidade e grupo social (FARACO, 2009; PONZIO, 2016).

Harry Potter, criação romanesca ideológica, é determinado tanto por uma unidade literária quanto integra em seu interior uma diversidade de vozes e relações sociais representadas por suas personagens, o que demonstra uma abertura ao diálogo social da vida, a partir de um jogo entre forças centrípetas e centrífugas (BAKHTIN, 2014). A autora J.K. Rowling “orquestra” no interior da obra uma diversidade de vozes sociais e esses discursos de outrem não são despidos de suas perspectivas sócio ideológicas, ao contrário, fica nítida a tomada de posição da autora-criadora. Na relação da obra com a vida, os conflitos enfrentados pelas personagens podem ser compreendidos em diferentes clivagens. Essa é a proposta de estudo deste projeto, justificado pela relevância social e abrangência da obra/objeto de estudo.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é analisar as relações de raça, gênero e classe apreendidas nas hierarquias da estrutura social do mundo bruxo da obra literária *Harry Potter*, tomada como reflexo e refração da arte com a vida.

Os objetivos específicos são: a) refletir sobre possíveis diálogos da obra com situações político econômico sociais relacionadas a questões de raça, gênero e classe; b) discutir acerca das movimentações infra e superestruturais relacionadas ao “bem” e ao “mal” na obra, tomadas como subserviência e resistência, na relação com as movimentações existentes na vida social, entendida, a obra, como fenômeno massivo cultural.

PLANO DE TRABALHO E EXECUÇÃO DA PESQUISA

O plano de trabalho deste projeto será desenvolvido em 50 meses (de fevereiro de 2018 a março de 2022) e as atividades estão descritas em quatro (4) momentos, considerando a divisão em período anual (12 meses):

. Fevereiro de 2018 – Janeiro de 2019: Cumprimento de créditos, embasamento teórico com recorte de excertos a serem analisados, contextualização histórica do *corpus*, situações da vida político econômico cultural a serem consideradas na pesquisa, como cotejo e primeiras construções escritas da tese.

. Fevereiro de 2019 – Janeiro de 2020: Cumprimento de créditos, embasamento teórico, descrição do *corpus* e escrita da tese.

. Fevereiro de 2020 – Janeiro de 2021: Embasamento teórico e análise do *corpus*, com escrita preliminar da tese.

. Fevereiro de 2021 – Janeiro de 2022: Interpretação do *corpus*, análise dos resultados, escrita da tese para exame de qualificação.

. Fevereiro de 2022 – Março de 2022: Escrita da versão final e defesa da tese.

Os encontros de orientação serão mensais e a participação da proponente no GED – Grupo de Estudos Discursivos será semanal. Além disso, a aluna se compromete a participar de, pelo menos, 4 (quatro) eventos, com apresentação de trabalho, no decorrer do período de cada ano, assim como se compromete a apresentar os resultados da pesquisa em forma de, pelo menos, 2 (duas) publicações de artigos em periódicos indexados qualificados na área e/ou de capítulos de livros, por ano.

Para facilitar a visualização do plano de atividades descrito, segue o cronograma de execução da pesquisa proposta, em que é possível visualizar as atividades a serem desenvolvidas em etapas, não de maneira estanque, mas sim dialogicamente:

Etapas	2018 - 2019	2019 - 2020	2020 - 2021	2021 - 2022
Embasamento teórico	X	X	X	X
Contextualização	X	X		
Créditos em disciplinas	X	X		
Análise do <i>corpus</i>	X	X	X	X

Escrita da tese		X	X	X
Entrega da tese				X
Créditos em Eventos	X	X	X	X
GED	X	X	X	X
Orientação	X	X	X	X

MATERIAIS E MÉTODOS

De acordo com os pressupostos teórico-metodológicos propostos no interior dos estudos bakhtinianos, tomamos uma posição dialógica de pesquisa, uma vez que o pesquisador em Ciências Humanas trabalha com o outro, ou seja, com outros sujeitos socialmente organizados e produtores de enunciados e discursos, bem como entendemos, calcadas em Amorim, que a linguagem é nosso outro. Não estudamos objetos, mas sim sujeitos enunciados (BAKHTIN, 2011; AMORIM, 2004).

Assim, consideramos a impossibilidade de se chegar a uma exatidão e precisão em Ciências Humanas. Exatidão que sequer almejamos. Queremos a reflexão, a inquietação, a movimentação dialético-dialógica que procede de e a uma compreensão do *corpus* estudado, povoado vozes e posicionamentos sociais (BAKHTIN, 2011). Uma vez que entendemos que os sentidos de um enunciado não se encontram finalizados em si, mas fazem parte de uma complexa e infinita rede de possibilidades, resguardada a sua historicidade, a compreensão de sua arquitetônica ocorre na relação com a vida social, por cotejo com outros enunciados, mesmo e de outros gêneros. Desse ponto de vista é que este projeto de pesquisa se calca no método sociológico, tal qual o denominou Volochínov [Bakhtin] (em o *Discurso na vida e Discurso na arte*), tomando a franquia romanesca *Harry Potter* como *corpus* principal de pesquisa, tendo como tema a ser pesquisado as relações de raça, gênero e classe na obra, em consonância com tais relações na vida. O cotejo aparecerá, advindo de enunciados de situações específicas das esferas política, econômica e cultural, quando necessário.

A pesquisa proposta se define como qualitativa, de natureza bibliográfica e a partir de um método teórico-analítico sociológico, desenvolvido por meio de uma metodologia analítico-descritiva e interpretativa, com um *corpus* principal em cotejo com outros enunciados.

O material de pesquisa a ser utilizado e que constituirá o *corpus* de análise é composto pelos setes volumes da série literária: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*; *Harry Potter e a Câmara Secreta*; *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e *Harry Potter e as*

Relíquias da Morte. Os setes volumes serão utilizados em sua versão física publicados pela Editora Rocco, edição de 2015⁸; em sua tradução para o português brasileiro, cuja materialidade linguística consideraremos como cânone para a compreensão da saga.

Para a delimitação do *corpus* de análise, selecionamos determinados sujeitos como representantes de vozes sociais de determinados grupos sociais presentes no romance para tratar das relações de raça, gênero e classe: Hermione Granger (para tratar, especificamente de gênero e raça, de maneira mais enfatizada); a família (para tratar, de modo mais pontual, questões de classe); Harry Potter e seu antagonista, Lord Voldemort (sujeitos representativos do principal conflito do eixo narrativo tronco da série, considerados ambos como signos dos dois lados do embate racial e de poder, colocado como “bem” e “mal”, calcado, respectivamente, como eixo voltado a um projeto de sociedade bruxa inclusiva em contraposição a um projeto de organização social excludente de minorias). Claro que essas personagens e esses grupos serão analisados nas relações que possuem com outros sujeitos e grupos. Os Weasley na relação específica com os Malfoy; Potter e Black; Hermione, Gina, Luna e Bellatrix; os elfos e os anões; Dumbledore e Snape; Hagrid, Longbottom etc. As relações de gênero, raça e classe serão apreendidas a partir da análise da constituição das vozes sociais das personagens, das famílias e dos grupos existentes na obra, por isso, não separamos um ou outro livro como principal, pois as relações as quais perseguimos como tema desta pesquisa se encontram esparsas ao longo de toda a franquia, como mote principal da luta empreendida entre Harry e Voldemort, símbolos do “bem” e das “trevas” na obra.

Os conceitos bakhtinianos mais centrais a fundamentarem nossa pesquisa que, portanto, servirão de aparato teórico-metodológico para a construção de uma reflexão acerca da complexa relação entre arte e vida, no olhar que nos propomos, voltada às relações de raça, gênero e classe são, mais especificamente: diálogo, ideologia, enunciado, vozes sociais, sujeitos, reflexo e refração, infra e superestrutura. Para isso, nós nos ancoraremos nas obras do Círculo de Bakhtin, Volochínov e Medviédev (BAKHTIN, 1987; VOLOCHÍNOV [BAKHTIN], 2009; BAKHTIN, 2010a; BAKHTIN, 2010b; BAKHTIN, 2011; BAKHTIN, 2014; VOLOCHÍNOV, 2013; MEDVIÉDEV, 2012), bem como em trabalhos de autores que

⁸ Além dessa materialidade, destacamos que a autora J.K. Rowling possui ainda mais três obras baseadas no universo de “Harry Potter”, a saber: “Os Contos de Beedle, o Bardo” (2008), “Animais Fantásticos e Onde Habitam” (2001) e “Quadribol Através dos Séculos” (2001). No entanto, compreendemos que tais obras possuem um sentido mais enciclopédico, possuindo uma função para-textual, uma vez que são livros presentes no interior do enredo, lidos e mencionados pelas personagens. Além destes, recentemente foi publicada a obra “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada” (2016) e trata-se do roteiro de uma peça de teatro de mesmo título, encenada em 2016 em Londres. A obra traz uma nova história dentro do universo de “Harry Potter”, que se passa após os acontecimentos do último livro, no entanto, o livro foi escrito pelo roteirista Jack Thorne, e não será considerado parte do cânone para esta pesquisa.

se debruçam sob a teoria bakhtiniana (AMORIM, 2001; BRAIT, 2005; BRAIT, 2006; FARACO, 2009; PONZIO, 2016; PAULA e STAFUZZA, 2012, 2013, 2015; etc).

A fim de demonstrarmos brevemente como compreendemos as relações de gênero, raça e classe no interior do romance, tomamos, à guisa de ilustração, quatro excertos da obra.

Ao considerarmos Harry como representante do conflito racial e de classe e poder, consideremos o excerto (1) a seguir:

- Sua mãe, naturalmente, nasceu trouxa. Não consegui acreditar quando soube. Eu achava que devia ser puro-sangue, era tão inteligente!
- Uma das minhas melhores amigas é trouxa – comentou Harry – e é a melhor aluna da nossa série.
- Engraçado como isso às vezes acontece, não é?
- Não acho – retrucou Harry friamente (ROWLING, 2015, p. 55).

O trecho acima está presente no sexto volume da série, no livro *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2015). É um diálogo entre o professor Horácio Slughorn e Harry Potter. Horácio foi professor em Hogwarts e deu aula à mãe de Harry, Lílian Potter, uma bruxa nascida-trouxa. A partir da fala do professor Horácio, podemos compreender que o valor social da “inteligência” ou ainda do “conhecimento sobre magia” não é atribuído socialmente aos bruxos nascidos-touxas. Harry, no entanto, por ser amigo de Hermione, se contrapõe a esse valor, e o fato de Hermione ser uma boa aluna, ganha o sentido de “acaso” ou ainda de “exceção”, na voz do professor Horácio. O professor Horácio, enquanto sujeito e personagem do universo de “Harry Potter”, é um bruxo puro-sangue que pertenceu à casa comunal da Sonserina⁹, composta em sua maioria por bruxos de linhagem pura e com um grande histórico de “bruxos das trevas” como membros, aliados a ideias conservadoras. O professor reproduz valores sociais atribuídos a esse grupo, pois ele reproduz um preconceito com relação aos nascidos-touxas. Ao pensarmos nas relações dessa posição a entendemos como parte de um processo de “racialização”. Baseado em preceitos genéticos e no argumento da pureza de sangue, o professor Slughorn realiza uma “essencialização” do grupo social dos nascidos-touxas e lhe atribui dada ética (SODRÉ, 1999; FANON, 2008). Porém, essa hierarquia entre grupos raciais se apresenta como uma construção social moralmente valorada, uma vez que

⁹ A escola de Hogwarts é dividida em quatro casas comunais: Grifinória, Sonserina, Corvinal e Lufa-Lufa (na tradução para o português brasileiro). Essas casas representam os quatro fundadores da escola (Godric Grifinória, Salazar Sonserina, Rowena Corvinal, Helga Lufa-Lufa, respectivamente) e seus ideais subentendem determinadas características e valores sociais prezados por cada um dos fundadores. Assim, os alunos são divididos nas casas a partir das características de suas personalidades, em conformidade com os valores de um dos fundadores da escola. Cada casa comunal possui como diretor, um professor de Hogwarts, e sendo o professor um ex-aluno de Hogwarts na juventude, o mesmo presidirá a casa a que pertenceu quando era estudante. É o caso dos professores Severo Snape, Horácio Slughorn, Minerva McGonagall, entre outros.

bruxos nascidos-rouxas ou mestiços, bem como outros segmentos da história, mostram-se tão bons ou melhores em magia que os bruxos puro-sangue na narrativa.

Com relação à clivagem gênero e sua relação com o preconceito racial sofrido pelos bruxos nascidos-rouxas, Hermione se destaca como sujeito constituído por essas intersecções identitárias. Tomemos como exemplo o seguinte excerto (2): “- Pensei que você sentiria vergonha se uma menina que nem pertence à família de bruxos passasse a sua frente em todos os exames – comentou com rispidez o Sr. Malfoy.” (ROWLING, 2015, p. 44).

Como afirma Saffioti, as questões de gênero não podem ser pensadas apartadas das questões de classe e raça. O caso de Hermione é muito significativo porque exemplifica o quanto esse nó é imbricado. Desde a primeira descrição física da personagem, a cor da sua pele não é mencionada, no entanto, o fato de a mesma ter o cabelo cheio e crespo é bastante ressaltado. Em 2015, surgiu entre os fãs e leitores uma discussão sobre questão da sua cor calcada nessa descrição de seus cabelos. Muitos ressaltavam que imaginavam a personagem negra e isso é essencial para pensarmos o quanto a questão da negritude é uma construção social, um modo de ser no mundo. Afinal, a cor da sua pele é “negligenciada” na sua descrição, mas o seu cabelo carrega traços de negritude que corroboram ainda mais com a questão da “raça pura” (que remete ao nazismo). Além de ser filha de rouxas, ainda pode ser negra. Mulher negra. Mulher negra e pobre – não advinda de uma classe tão abastada (seus pais são dentistas, e na Europa – caso da Inglaterra, onde se passa a narrativa – não tem o mesmo status que aqui no Brasil. Lá, dentista é profissão de segunda categoria). Pronto, o nó classe, raça e gênero ao qual remete Saffioti está marcado na constituição de Hermione.

Por esse nó que constitui a sua identidade, na relação com seus outros, Hermione se dedica mais que todos os outros e é, também por isso (por se destacar por sua inteligência e por seu conhecimento), discriminada. Ela parte de um lugar com condições muito diferentes de competição se considerarmos, por exemplo, Harry ou Draco. Precisa lutar muito mais para ser respeitada e aceita. O fato de ela estar em Hogwarts e enfrentar preconceitos dessas três naturezas suscita, de alguma forma, sentidos que estão relacionados com a luta negra e feminista pelos espaços (não é por acaso que ela defende os elfos e luta contra a escravidão). Ela se submete a situações de embranquecimento e estuda além dos demais, ajudando-os, como uma tentativa de ser aceita. Segue um excerto (3) que demonstra o quanto a questão da negritude e do embranquecimento (apagamento desse traço – como ocorre com a descrição de sua pele, que nem existe na obra) é constitutiva de um processo de exclusão e tentativa de inclusão-aceitação social: “[...] Os cabelos de Hermione tinham voltado a ficar crespos e cheios; ela confessou a Harry que usara quantidades generosas de Poção Capilar Alisante para

ir ao baile [...]” (ROWLING, 2015, p. 318). O aparente empoderamento de Hermione é utilitário. A mulher pode ser uma boa “ajudante” do herói, mas não é a protagonista. Mesmo destacando-se em tudo, ela, ainda assim, é descrita como uma personagem irritante, aparentemente pedante e intrometida. Nunca a mulher, por mais que, muitas vezes, seja o centro da cena, tem esse lugar, seu por direito. Para muitos fãs, a obra romanesca deveria se chamar Hermione Granger, mas ela se chama *Harry Potter*.

O excerto (2) se encontra no segundo volume da série, no livro *Harry Potter e a Câmara Secreta* (2015). Trata-se de um trecho de um diálogo entre Lúcio Malfoy e seu filho, Draco Malfoy. A família Malfoy se caracteriza pela grande linhagem de bruxos sangue-puros e por seu alinhamento com os ideais conservadores da sociedade bruxa. Lúcio Malfoy foi um Comensal da Morte, seguidor de Lord Voldemort, apreciador da considerada “magia das trevas” e “mestre” do elfo doméstico Dobby. No excerto (2), Lúcio demonstra desaprovação com o desempenho escolar de Draco, pois esperava que, por ser seu filho um bruxo puro-sangue, se sairia melhor nos exames de Hogwarts. No entanto, muito embora a posição ideológica de Lúcio seja constituída pelo valor social da “não-competência” dos bruxos nascidos-rouxas, presente no excerto (1), ao se referir a Hermione, aqui referenciada pela expressão “uma menina que nem pertence a família de bruxos”, podemos apreender o valor ideológico não ao que se refere à raça, mas também no que diz respeito ao gênero (o fato de ela ser mulher). Ao considerarmos as desigualdades de gênero produzidas pelo patriarcado, em que mulheres são consideradas “menos competentes” que homens, considera-se um “fracasso” para os homens que uma mulher obtenha mais sucesso. Portanto, nesse caso, há uma intersecção das clivagens de raça e gênero nos valores que constituem Hermione, o que revela a constituição mútua dessas relações (SAFFIOTI, 1976; SAFFIOTI, 1987).

A partir dos excertos (1) e (2), podemos refletir acerca das relações entre as posições ideológicas encarnadas pelas personagens e os grupos sociais dos quais fazem parte, uma vez que o discurso preconceituoso se apresenta de forma não-linear, de bruxos puro-sangue para outros bruxos puros. Nesse aspecto, destacamos a questão de classe, no seguinte excerto (4):

- Ah, é você! – exclamou Rony, olhando para Malfoy como se ele fosse uma coisa desagradável, grudada na sola do sapato. – Aposto como ficou surpreso de ver Harry aqui, hein?
- Não tão surpreso como estou de ver você numa loja, Weasley – retrucou Malfoy. – Imagino que seus pais vão passar fome um mês para pagar todas essas compras. (ROWLING, 2015, p. 51)

Aqui o excerto (4), que também se encontra no livro *Harry Potter e Câmara Secreta* (2015), configura um diálogo entre Rony Weasley e Draco Malfoy. As duas personagens se

encontram no Beco Diagonal, complexo comercial de lojas bruxas de artefatos mágicos, no qual os alunos de Hogwarts vão todo ano fazer as compras dos materiais escolares. Em *Harry Potter*, Rony, como um dos sete filhos da família Weasley, por vezes faz uso de artefatos de “segunda mão”, reutilizando os materiais usados de seus irmãos mais velhos, devido à condição socioeconômica de sua família. Como já dito, a questão da classe produz desigualdades na sociedade bruxa. A família Weasley, embora se caracterize pela linhagem pura, é alvo do preconceito de famílias mais ricas, como a família Malfoy. Ao pensarmos na intersecção dessas desigualdades e sobre a condição socioeconômica da família Weasley, destacamos que Arthur Weasley, o pai, se caracteriza como grande entusiasta do mundo trouxa e nutre grande curiosidade por essa sociedade. Por causa de seu fascínio por esse grupo, Arthur atua como funcionário do Ministério da Magia na “Seção de Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas”. Esse departamento do Ministério tem como função controlar potenciais ataques bruxos aos trouxas e faz controle de feitiços e do uso de artefatos mágicos das trevas. Seu trabalho também é ridicularizado e menosprezado por Lúcio Malfoy, uma vez que o mesmo é um representante do grupo social conservador, que defende o extermínio trouxa. Nesse sentido, também podemos compreender a posição socioeconômica dos Weasley como constituída pelo poder aquisitivo, vinculado à profissão em intersecção com a questão da raça, por sua aliança e simpatia pelo mundo trouxa, menosprezado pelos puristas.

Por meio da breve ilustração dos excertos (1), (2), (3) e (4), podemos compreender a existência de intersecções discursivas entre as categorias de raça, gênero e classe, sendo que os sujeitos e grupos sociais da história são constituídos nas relações uns com os outros, a partir de uma relação de alteridade, e atuam a partir do lugar social que ocupam na estrutura hierárquica do mundo bruxo, reflexo e refração da vida social.

No decorrer da pesquisa, pretendemos colher dados de enunciados de cotejo da vida para relacionar com a obra, conforme necessário, para refletir acerca da relação intrincada raça, gênero e classe, tão cara em *Harry Potter*, sua temática central, colocada de maneira complexa, como semiose da vida, com determinado acabamento estético.

FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa serão analisados qualitativamente e comporão a tese a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP) da Faculdade de Ciências e Letras do Câmpus de Araraquara pela bolsista, bem como serão divulgados em eventos da área, e publicados na forma de capítulos de livros e de

artigos em periódicos. Os instrumentos de análise do *corpus* desta pesquisa se voltarão para as dimensões linguística (elementos estruturais internos do enunciado) e translinguística (contextualização) da franquia eleita como *corpus* deste projeto.

BIBLIOGRAFIA¹⁰

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 5ª Ed, 2010a.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010b.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 6ª ed., 2011.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 7ª ed., 2014.

BARROS, D.L.P.; FIORIN, J.L. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1999.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chaves*. São Paulo: Contexto, 2005

_____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Bakhtin – Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. In: *Revista Gratoatá*. Niterói, n. 20, p. 47-62, 1 sem., 2006.

BRANDIST, C.; TIHANOV, G. (eds.). *Materializing Bakhtin: The Bakhtin Circle and the Social Theory*. Basingstoke: Macmillan, 2000.

CALEFATO, P.; PONZIO, A.; PETRILLI, S. *Fundamentos de Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Vozes, 2007

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

¹⁰ As referências bibliográficas que constam neste projeto se referem tanto às utilizadas em sua elaboração quanto a algumas a serem utilizadas ao longo do processo de pesquisa.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo:

Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Em busca dos sentidos – Estudos Discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FREITAS, M. T. A.; Jobim e Souza, S. e Kramer, S. (Orgs.) *Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.

MACHADO, I. A. *O romance e a voz – A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Imago/FAPESP, 1995.

MEDVIÉDEV, P. M. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: Edusp, 2008.

PAULA, L. de. *A intergenericidade da canção*. Pesquisa trienal de 2011 a 2013. Não publicada. Mimeo.

_____. *Análise Dialógica de Discursos verbo-voco-visuais*. Pesquisa trienal de 2014 a 2016, em andamento. Não publicada. Mimeo.

_____. *Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso*. RELIN – Revista de Estudos da Linguagem. V. 21, n. 1. Belo Horizonte (MG): UFMG, 2013, p. 239-258.

PAULA, L. et al. “O marxismo no/do Círculo de Bakhtin”. In: STAFUZZA, G (Org.). *Slovo - O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Curitiba: Appris, 2011, v.1, p.79-98.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável”. Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.

_____. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis”. Volume 2. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

_____. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: pensamento interacional”. Volume 3. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: O pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Editora Contexto. São Paulo, 2016.

RIBEIRO, A. P. G., SACRAMENTO, I. *Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

- RÓDENAS, C. A. La Saga Harry Potter: Interculturalidad y denuncia del racismo. In: *Caudernos de Literatura Infantil y Juvenil*, n. 227. Junho de 2009. Disponível em: <http://www.revistaclij.com/clij-227-junio-2009/> (Acesso em novembro de 2017).
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- _____. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- _____. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- _____. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- _____. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- _____. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- _____. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2009.
- SODRÉ, M. *Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil*. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1999.
- TIHANOV, G. *The master and the slave: Lukács, Bakhtin, and the ideas of their time*. New York: Oxford University Press Inc, 2002.
- VOLOCHÍNOV [BAKHTIN, M.]. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 13ª ed., 2009.
- _____. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza. Circulação restrita. [1926]
- VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: 34, [2017].